

Construindo o Pólo Pioneiro do Bico do Papagaio

Vamos Combinar? Construindo Acordos Comunitários

No informativo anterior falamos um pouco sobre a etapa de Elaboração Participativa dos Planos de Utilização (PU's). A equipe técnica do pólo ainda está envolvida na finalização desses PU's, mas em breve estaremos ingressando em uma nova etapa do Proambiente: a construção dos Acordos Comunitários.

Mas o que vem a ser Acordos Comunitários? A construção de acordos é o momento seguinte à Elaboração de PU's. No acordo, as famílias cadastradas de cada grupo comunitário assumem um **compromisso comum** em relação ao cumprimento dos PU's e à realização de atividades que visem **conservar o meio ambiente** (prestação de serviços ambientais).

APA-TO



Para construir o acordo, o grupo comunitário irá planejar maneiras, metodologias para as famílias se apoiarem mutuamente na implantação de seus Planos de Utilização. Quando seu grupo comunitário começar a elaborar o acordo, vocês irão estabelecer quais são as **prioridades do grupo em relação às questões ambientais, quais as dificuldades podem aparecer e como poderão se apoiar na resolução desses desafios**. Nesta etapa, mais do que nunca, é fundamental para as famílias do Proambiente o envolvimento, a vontade de trabalhar em grupo e de trocar experiências.

APA-TO



A equipe técnica do PROAMBIENTE está se capacitando neste processo para que esta etapa seja realizada da melhor forma possível, com plena participação das famílias cadastradas em todas as comunidades.

Expediente: Produção pela: Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins - APA-TO / Editor: Pires Franco, Cibella Melo, Rosamundo Feres (Diagramação); Mídia & Cia Propaganda / Revisão: Vitor Silva, Eliane Cristina / Contato: (63) 3466-1437 / Email: contato@apa.to.br



Para que servem

Vivemos hoje um tempo em que muitos falam da importância da preservação do meio ambiente, da conservação das florestas. Por outro lado, nunca vimos tanto desmatamento. E perguntamos? Porque há tanta preocupação com o ambiente e, ao mesmo tempo, tanta destruição? Se olharmos para a nossa própria vida talvez encontremos algumas respostas.

Todos sabemos que é importante preservar. Antes, quando havia mais mata, havia também mais chuva, mais terra boa para plantar, mais caça, mais frutas e remédios. Por outro lado, havia também a idéia de melhorar de vida, de ganhar dinheiro. Mas, para conseguir essa melhora, era necessário se modernizar. Até aí, tudo bem. Mas o problema é que, para se modernizar, acreditávamos que era necessário transformar radicalmente o ambiente em que vivíamos. Que aquele ambiente, cheio de frutas, madeiras, remédios, animais, chuva e terra boa era um ambiente primitivo, coisa de índio. Ambiente moderno, assim como gente moderna e bem de vida, vive numa terra onde há pasto e gado. Muito pasto e muito gado. Essa idéia não nasceu sozinha na nossa consciência, ela nos foi imposta. Os políticos, os técnicos, todas as pessoas acreditavam verdadeiramente que era assim que tinha que ser.



APA-TO

de sementes de pastagens, de remédios e vacinas para o gado; que tinham muito interesse que a quantidade de áreas de pastagem e os rebanhos crescessem em todo o mundo. Para isso, investiram muito do seu poder e do seu dinheiro em fazer todos acreditarem que aquele modelo era o melhor para todos os lugares e todas as pessoas.

Assim, pequenos agricultores em muitos lugares do mundo foram abandonando seu jeito de conviver com a floresta e tirar seu sustento dela, na ilusão de que ficariam ricos se adotassem o novo modelo. As necessidades urgentes também colaboraram muito para isso. A floresta está lá, cheia de riquezas prontas para serem usadas. Então, eu tiro aqui uma madeira e ela me dá retorno imediato. Além disso, eu libero uma boa área para plantar a roça.

Hoje, depois que muito já foi destruído, percebemos que, além de não ficarmos ricos, os recursos que estavam disponíveis, de graça, na floresta, já estão escassos. As terras estão fracas e as chuvas diminuíram.

Então, passamos a perceber que a floresta, além de fornecer muitas riquezas diretamente para nós, também é importante para a manutenção da chuva, da pureza e do frescor do ar.

APA-TO



as florestas?

Reservas Legais

Por causa da importância das florestas foram criadas leis para protegê-las. E é por causa da lei que todas as propriedades rurais são obrigadas a manter uma área de reserva, chamada de Reserva Legal.

Pela lei, a reserva legal é:

"(...) área localizada no interior de uma propriedade (...) necessária ao uso sustentável dos recursos, à conservação e reabilitação dos processos ecológicos, a conservação da biodiversidade e ao abrigo e proteção da fauna e flora nativas."

O que é Manejo Florestal Comunitário?

É fazer uso da floresta por comunidades organizadas de forma sustentada. Para os agricultores de Arixá, manejar a floresta de forma sustentada é usar sem destruir para que as futuras gerações também usufruam dessas riquezas que hoje as florestas oferecem, buscando medidas para que a floresta se recupere e assim tenha condições de continuar fornecendo suas riquezas (frutas, óleos, madeira, caça) e serviços ambientais (chuva, quebra vento e purificação do ar) para as comunidades.

Mas, para fazer o Manejo Florestal Comunitário, é preciso conhecer muito bem o comportamento da floresta e saber também **quanto e como** podemos retirar os recursos que a floresta nos oferece.

Projeto "Manejo de Reservas Legais"

Em Arixá já existem comunidades aprendendo como se faz o Manejo Florestal Comunitário. São agricultores e agricultoras, jovens e crianças dos **PA's Santa Juliana Sede e Grotá D'água, Babaçu, Buritis e Santa Bárbara**. Esses assentamentos possuem áreas de reserva coletiva (em condomínio), portanto são grandes áreas de florestas que estão sendo preservadas por essas

comunidades. Porém, essas florestas estão sofrendo muitas ameaças, como as queimadas e retiradas ilegais de madeira.

Por causa disso, em 2005 as associações desses assentamentos, a APA-TO e o STR de Arixá iniciaram um trabalho com essas comunidades para que pudessem aprender como proteger e, ao mesmo tempo, aproveitar essas riquezas.

O projeto está no início, mas já foram feitas muitas atividades interessantes, com as crianças, jovens e adultos das comunidades. Neste segundo semestre de 2005 estarão desenvolvendo atividades para conhecer melhor a reserva. Essas atividades estão mobilizando muitos assentados e todos estão bastante empolgados. Percebe-se também que muitos têm esperança de conseguir proteger e recuperar as matas.

Espera-se que, ao fim do projeto, em maio ou junho de 2006, o trabalho continue nesses assentamentos, e que conquiste outras comunidades. É importante lembrar que o Manejo Florestal Comunitário pode ser feito em áreas que possuem reserva coletiva, mais também em áreas menores, em comunidades que possuem reserva legal individual.

APA-TO



Lutando Pela Reserva

APA-TO



O P.A. Buritis, município de Arixá, foi criado em 1998, na antiga fazenda do seu Zé Buriti, aonde ainda existe uma grande área de capoeirão e mata. Quando o assentamento foi criado, houve longas discussões, com o apoio do INCRA, para definir como seria dividida a área de mata. A comunidade refletiu que se as reservas fossem individuais, logo logo não haveria mais mata e nem capoeira. Segundo o Seu Francisco, vice-presidente da Associação do Assentamento, "a reserva coletiva está contribuindo muito para preservar a mata. Em geral, a produtor com mentalidade de pecuarista quer ver tudo pasto, a reserva coletiva inibe isso". Seu Francisco contou que a associação e as organizações trabalharam na conscientização da importância de manter a reserva. Hoje, a maior parte dos assentados percebe essa importância e estão dispostos a defender seu patrimônio natural. Para mostrar a importância da reserva, seu Francisco nos contou uma história que vamos relatar aqui.

No ano de 2002, um grupo invadiu a Reserva do P.A. Buritis e começou a explorar madeira. Além de terem invadido a terra do assentamento e feito roça dentro da reserva, os invasores exploraram madeiras proibidas por lei, como mogno, e sem autorização do IBAMA. A comunidade do P.A. Buritis se sentiu lesada e, desde o

primeiro dia da invasão, fizeram denúncia ao INCRA, ao IBAMA e a Naturatins. Ao longo de mais de um ano a comunidade encaminhou diversos ofícios para o IBAMA e Naturatins, que não tomavam nenhuma providência.

Os assentados se reuniam com frequência para pensar em soluções e havia muito medo de conflitos já que a situação estava se tornando insustentável e alguns já sofriam ameaças. Acabaram perdendo a esperança de que o IBAMA e a Naturatins poderiam resolver o problema e decidiram lotear a reserva para que cada assentado lutasse pelo que é seu e coibisse a invasão. No segundo dia em que estavam dividindo a reserva, apareceu o IBAMA dizendo que procuraria resolver a questão e pedindo que parassem a divisão. Finalmente, apareceu o INCRA e conseguiu firmar um acordo com os invasores, garantindo-lhes terra caso desocupassem a reserva.

Este conflito terminou, mas a comunidade continua lutando pela reserva. Existem pessoas de fora do assentamento que entram sem autorização e exploram as madeiras. Essas pessoas têm sido denunciadas para a associação, que toma providências para contornar a situação. Além disso, existe um acordo na comunidade que proíbe a venda de qualquer madeira para fora do assentamento.

APA-TO

